

tuha abandonado como Jac » mas no dia seguinte, assustado com os vivas do 18^o de infanteria, que guardava o Jaco, mettem-se no peccoeche e lá foi Jaco Villa-Franca ter com o filho, Jaco fazer as Jacas...

Era, coitado, um pobre homem...

Em Lisboa andava tudo poleresaltado. Discutentes reuniram-se no dia 1 de junho mas o medo fez congregar algumas pessoas e um dejetados. Discutiu-se se se devia prosseguir os trabalhos ou mudar a sede da assembleia; mas como já ninguém se entendia e o medo ganhava sobre todos, no dia seguinte — 2 de junho — as cortes dissolveram-se, como diz Oliveira Martins « com um protesto inocente que ninguém començou com uma inourecão. »⁽¹⁾

« O villa-francado venceu; no dia seguinte

Antonio Guerreiro, cit.^o em D. Chagas: Historia cit.^o, VIII, 230. « Eu já o abandonei como Jac e peccoechei x
rei humil-o como rei. »

⁽¹⁾ Historia de Portugal, II, 259

sabiu uma outra proclamação de D. João VI em que promete fazer a felicidade do seu povo;⁽¹⁾ e no dia 5 o rei partiu para Lisboa triunphante...

O que tinha havido, afinal?

Nada: tinha havido algumas «cruzes joanas...»⁽²⁾

A chegada de D. João VI a Lisboa foi uma coisa febril; á entrada da cidade os fidalgos e officiaes realistas tiraram as rédeas do coche real e juraram-no até ao joço da Bem-gosta. Foi um delirio.

Todos queriam essa honra; e quando de joio os juramentos omitiam alguma dos nomes, havia reclamações, zandencias, o diabo!⁽³⁾

⁽¹⁾ «Portuguezes! o vosso rei, collocado em liberdade no throno dos seus predecessores, vai fazer a vossa felicidade!» Proclamação de 3 de junho, assignada em Villa-Franca. (J. Pich. Chagas: Hist.ª de Portugal, VIII, 235)

⁽²⁾ O. Martins: Hist.ª de Portugal, II, 258

⁽³⁾ Veja-se o Conimbricense, n.º 5380. Lá vem algumas dessas declarações, documentos da maior vileza humana.

Criou-se uma medalha, a medalha da
Joazeira,⁽¹⁾ para comemorar a revolta e a vol-

"⁽¹⁾ « Em 1823, andava pelas ruas de Lisboa com ho-
 " meu de calça branca fodiendo esmola para um
 " menino Jesus que trazia ao pescoço um habito de
 " Christo e ao peito duas medalhas da Joazeira. Este meu
 " gen. deu muito ~~meu~~ no vista e o alferes de vo-
 " luntarios Joao Eduardo d'Almeida Tavares publi-
 " cou por essa occasião o seguinte soneto:

« Já vi e zombo quando misto Jesus,
 Santa Agolonia mostrando ao povo um dente;
 Já vi deitado numas gralhas ardente
 Sual tostado leitão, e S. Lourenço;

« Com a lança em Junho, calçete inuenso,
 Vi S. Jorge a coroar ferozmente;
 E a S. Sebastião, grego tenente,
 Vi mi, tendo por tanga um fino lenço;

« Vi Santo Antonio feito peregrino,
 Santa Clara em trajo de Joazeira,
 E S. Bento, ralado ao modo chinês;

« Tenho visto no mundo muita asneira;
 Só me faltava ver o Deus menino
 Cavalleiro da ordem da Joazeira.

ta ao velho regime. Nomeou-se um ministério moderado e aboliu-se a constituição de 1822.

E assim cahiu o ideal que levára á revolução os vultos pythagóricos dos honras de Senta que decerto imagináram mais fácil a realisação dos seus glãos e dos seus sonhos de liberdade.

Contudo, o que ficou — e para sempre — foi o engraçado annuncio que alguém conseguiu publicar na Gazeta de Lisboa⁽¹⁾ d'ahi a

“ O pometo correu impresso e a intendencia geral da policia tratou de procurar o seu autor; ne
 “ o binesse encalhado dava cabo do humorístico
 “ gazeta. Não chegou mesmo a saber o nome d'elle.”
 (Alguém Teóphilo Brandão: Monumentos e Le-
 das de Santarém, 108

(1) Veja-se O Correio Litterario, no mesmo num.º 5380. Lá vem o annuncio curioso que justifica a baixa gente que se publicitava ás novas reaes.

Bibliographia = Picheiro Chagas: Historia de Portugal, VIII, cap. XI — Oliveira Martins: Historia de Portugal, livro VIII, cap. III — O Correio Litterario, n.º 5380.

uno dias: « ha-de-se ~~ceder~~ arrematar em
" hasta publica umas jarellas de bestas que ju-
" xaram o carro d'El-rey quando pender de
" bestas a Arroyos. »

=====

{27-V-904}

19 de maio de 1870 = D "revolta de meia noite". (Saldanha).

« Conta-se que a emboscada de 19 de maio fôra combinada entre o rei D. Luiz e o marechal Saldanha. Ambos precisavam de dinheiro. »

Th. Braga: Modernas ideias na litterat. portug. - I, 173

Com este nome é conhecida vulgarmente a revolta que o grande marechal Saldanha fez na madrugada do dia 19 de maio de 1870, em Lisboa.

Longo era já a sua vida. Nasceu em 1780,⁽¹⁾ mas o seu genio inquieto, o seu temperamento de soldado desberrado, não o deixá-

⁽¹⁾ Ver nesta coll.^{ta}, o vol. III, 13 e o vol. I, 171

vam muito tempo sosegado e tranquilo. Era
 então octagenário, mas o seu prestigio era
 grande, era ouvida ainda, o seu nome in-
 gume-se á admiração de todos.

« Tinha, diz o Sr. Nuno de Albuquerque, todas
 as qualidades que distinguem o homem privi-
 legiado para os triumphos das armas e das pal-
 las; era valente e além disso, bello, ingenho
 e bom. »⁽¹⁾

Por isso elle levava os regimentos a traz de
 si com facilidade; por isso elle se ingume aos
 governos quando queria alguma coisa boa au-
 tua...

E foi ainda devido ao seu prestigio que el-
 le conseguiu esta revolta a que deram por ino-
 mia o nome de meia-noite.

Na madrugada do dia 19 de maio de 1870,
 o falecido rei D. Luiz acordava ao estouro
 de alguns tiros: ⁽²⁾ Zela calçada da Ajuda pulia

(1)

Os Fuzas, III, 19

(2) Por leituras posteriores conclui que a revol-

o marechal Saldanha, igualmente na sua
 Linda figura de velho militar, á frente do Co-
 esdres 5 e de Infantaria⁽¹⁾ revoltados; e em
 defesa estava uma bateria de artilharia 3, guar-
 dando o Jalisco real.⁽²⁾

At' aproximação dos revoltosos, a artilharia
 quiz fazer fogo; disfarçaram-se uns brios do
 batalhão de caçadores; e o marechal, corren-
 do á redea volta, como um raio, ylo calce-
 da acima, obrigou o official que commanda-
 va a bateria, a entregar-se.⁽³⁾

ta não foi uma surpresa por ahí elle, por o rei
 D. Luiz. Ver por exemplo o I vol. das Modernas
ideias no litterat. portug. (p. 173) de Theophilo Braga.

⁽¹⁾ Elleu destes havia mais forças e entre ellas uma
 bateria d'artilharia. (Luz 23-III-911)

⁽²⁾ Estava uma brigada composta de Infantaria 1,
 de um esquadrão de lanceiros e da bateria referi-
 da. (Luz 23-III-911)

⁽³⁾ e de regente, o Commandante de artilharia do Go-
 vernio, deu voz de fogo. Os tres jocos não descarre-
 gáram, mas os artilheiros fizeram fogo de clarina
 sobre caçadores 5 e este batalhão respondeu sobre os
 artilheiros, tomando-lhes a bateria. At' esse tempo ou-
 viu-se a voz de cessar fogo, com gritos de adhaerão

Flouve algum fuzico ; dentro do fuzo , o fal-
lecido rei estava por tudo ; mas o duque de Lou-
lé , então presidente do concelho , não queria
por modo algum a demissão do ministerio que
Saldanha exigia.

Declaram que o « ministerio tinha força sufi-
ciente para debelar os revoltosos e que em breve
seriam esmagados. »⁽¹⁾

D. Luiz receava derramamento de sangue ;
não queria por forma alguma a guerra , atenuari-
pado ainda com os tiros que entraram no falo-
cio pelas janelas da face sul. Queris demittir o
ministerio , mas este recusava-se a isto e reu-
niem-se para dar ordens convenientes contra
a revolta.

« a revolta , do centro das forças do governo e tudo fi-
cou em paz. » { Dr. Costa Simões : Algarbiamentos,
particulares do reinado de D. João VI, num extracto publicado
pelo Dr. Eduardo d'Almeida , no Diario de Noticias, n.º 15.998,
de 29 de maio de 1810 } - { Em 23-III-1811 }

(1) P. Leal : Portugal antigo e moderno, VIII, 337

(2) « Aquellas descargas deram cinco soldados muer-
tos e algunos feridos » { Dr. Costa Simões , in loc. cit.º }

Saldanha esgrava. O general de 1.^a divisão, o visconde de S. Thiago, veio em auxilio do governo com as forças fiéis, mas o rei mandou-o voltar para traz porque não queria porque. O seu caracter bondoso negava-se a todos os processos violentos; queria fazer tudo serenamente, cedendo á força. ⁽¹⁾

E assim foi. Em Lisboa, quando se soube da revolta, o povo tumultuou.

O nome de Saldanha corria de bocca em bocca; e quando poubaram que caçadores 5 deixára no o castello de S. Jorge, e com munições, o povo correu a armar-se e a querer combatter João marechal.

No Terreiro do Paço as forças leaes guardavam as secretarias com medo de desactos; e o rei, assigrou, por fim, o decreto de demissão do duque de Loulé e do seu ministerio.

⁽¹⁾ Tenho hoje a minha opinião modificada. A bondade de D. Luiz devia, até certo ponto, ser uma leuda, assim como o seu alheamento dos negocios publicos. A bondade dos reis... (Luz 23-3-911)

Saldanha triunfava. Começou então o governo chamado dos cinco dias.

O ministério organizado em 25 de maio ficou com José Góes Saldanha — presidente, guerra e estrangeiros; José Dias Ferreira — farsas; António Rodrigues Sampaio — reino; Marquez d'Almeida — obras publicas; e D. António da Costa — marinha.

Pinho Leal chama a este ministério um « ministério híbrido e heterogeneo »⁽¹⁾, mas D. Luiz accitou-o para acalmar a agitação que reinava.

Saldanha, o velho heroe da celebre carga das Quellas de Paiz, era senhor da situação. As forças recotheram, os ariuos pereráriam e começou a ditadura dos cinco dias.

Mas, se Saldanha era um valente como soldado, como ministro era inferior. Quem o tirasse da guerra, tirava-lhe tudo.

« Com a espada na bainha, todos os seus dias

⁽¹⁾ Portugal aut.^o e mod.^o — VIII, 338

"
 sos eram vacilantes e para nunca » diz o Sr.
 Orbigo⁽¹⁾; e o que é facto é que o ministerio não
 agradou.

As cêntes foram adiadas; as inscrições publi-
 caram; e tudo começava a ir a mau fim de
 tal governo, chegando a tener-se uma bancar-
 rota.

Passados os seis dias, o rei demittiu o minist-
 terio, aconselhado por varios; a 29 d'agosto sahio
 o decreto e Saldanha cahiu novamente, para
 não mais chegar áquelle alto cargo, cedendo-o
 ao seu successôr, o Marquez de Sá de Bandeira.

Passado pouco tempo foi mandado para Lon-
 dres, como embaixador; não o consentiam cá,
 queriam longe aquelle glorioso velho que se lhes
 indyca simplesmente com o seu nome presti-
 gioso.

Cuoban muito dinheiro ao theouro, mas ain-
 da hoje vive na memoria desses melhos soldados
 que com elle combateram e que são hoje um tes-

⁽¹⁾ Os Factos - III, 22

terminos do que elle foi e do que elle valia.

Assim se passou essa revolta da mais-noite; foi a ultima aventura do velho duque, aventura que ouvimos contar juvenilmente, em phrase ruda, a um velho reformado que conta ja cincoenta e tantos annos de perigo e á qual elle chamava gítoneseamente, «a ultima careta do Saldanha.»

=====

[13-V-206]

Bibliographia: Puello Leal: Portugal antigo e moderno, vol. VIII, 337 - Thomaz de Góes: Os Góes, vol. III, cap. II.

9 de abril de 1662 = A entrega de Bombaim.

« O conde de Ponte, alcaideiro di-
plomático . . . ia despiando as ten-
tações.

.

— Real Senhor, Bombaim . . .

— Adeus, adeus! Bombaim é
um fantasma.

. »

Bruno: Portugal e a guerra
das nações - 360

Quando o desgraçado rei D. Afonso VI tomou
conta do governo depois da regencia de sua mãe,
Portugal « via-se um jouco atrojado pelas jou-
cas forças com que se achava e pelas muitas com
que se agrestava Hespanha para a conquista. »⁽¹⁾

⁽¹⁾ Anti-catastrope - Part. I, cap. VI, § III

As victorias custavam caro; querria gente e ás vezes muito boa gente; vendia-se muito dinheiro com que Portugal não podia.

Estavamos muito fracos; sem dinheiro, sem gente e até sem consideração; estavamos, como hoje se diz, numa grande escravidão.

Embora o Padre Vieira dissesse no Julgito⁽¹⁾ que « os nossos soldados eram todos portugueses » não o devemos acreditar; andávamos a pedir auxilio e protecção no estrangeiro e muito — ainda assim — no reino.

Não era amizade nem respeito. Não: era o interesse.

Mas, fosse como fosse, a Inglaterra foi um dos países a que nós dirigimos as nossas supplicas. Esquecemos facilmente o insulto que ella nos fez na pessoa dum nosso embaixador, pouco tempo antes, e inflorámos o seu grande e poderoso auxilio contra o poder do Sleszania.

⁽¹⁾ Sermão II de João de Castro almeida em o caso das armas,

Francisco de Melles e Torres, conde de Paule, foi á corte de Carlos II d'Inglaterra; o tratado firme e consistorio no casamento deste rei com D. Catharina, irmã de Affonso VI, na entrega de Tanger e Bombaim, no pagamento de dois milhões em dinheiro e outros dois em joias,⁽¹⁾ e no abatinamento de 50% nos direitos das mercaderias inglesas que se vendessem em Portugal — além d'outras concessões.

« Foi uma grande ferdicão » diz um escritor da epocha; ⁽²⁾ foi uma grande baixesa, dizem nós.

Curvamos-nos á Inglaterra e elle era a primeira a despregar-nos quando devia cumprir o contracto. O haure do berneo, uma infantã no throno inglez custou-nos immenso; e não só custou dinheiro, custou tambem vergonha — o que foi mais caro...

Os ingleses disputavam entre o Oriente

nos Serunas (ed^{ta} 1878), vol. V, 226

⁽¹⁾ Anti-catastrofo — idem, idem.

⁽²⁾ Ibidem. — idem, idem.

com os holandeses; e Bombaim era uma importante cidade. Com Lisboa não se atendia a nada e mesmo não se sabia ver as cousas como ellas eram.

O conde de Castello-Melhor era um bom cabeça, mas era um só homem contra tanta gente e o conde não tinha a força de Pombal.

Por isso, aterrados com o poder de Sersauba, davam tudo ás mãos cheias com uma prodigalidade estúpida.

Bombaim entrou pois no dote da rainha; com ella, entregámos por assim dizer, a India toda. « Foi a mais importante loucura de quantas fizemos na India. »⁽¹⁾

De Lisboa mandou-se em 1662, como governador, Antonio de Mello e Castro, para fazer o entrega da ilha e cidade, como era do tratado.

Foi o governador e algumas semanas depois que os holandeses sitiavam Cochim. Pediu auxilio aos ingleses em Arjoane; mas o general, com-

⁽¹⁾ Thomaz Ribeiro: Janusadas - 2ª Parte, XXII, 108.

de de Malabourgo não rezendeu; em Bacaim tornou a pedir o mesmo em nome do tratado assignado he jouco, ao general Shipman; e este não rezendeu tambem!

A Inglaterra cumpria assim o estipulado. A Inglaterra affirmava assim a sua lealdade para com o governo jaiz que se lhe entregava sem condições. E em vista disto, Mello e Castro recusou-se a entregar a ilha,⁽¹⁾ e escrevendo para o reino mostrava os inconvenientes que havia em tal entrega; «acabou-se a India no dia em que a nação inglesa fizesse assento em Bacaim» dizia elle.⁽²⁾

O inglez, ja que queria a ilha; instou, pediu, e como o governador não lh'a desse, retirou com as esquadras altivamente na bahia.

⁽¹⁾ Mello e Castro trazia a autorisação assignada em 9 d'abril de 1662, data que serviu para collocar este artigo neste "anno historico". E' sem duvida um dos mais importantes da questão da entrega da cidade.

⁽²⁾ Carta ao rei escripta em 5 de janeiro de 1665, no

Mello e Castro fôra, felizmente, ferido e a artilharia de terra fez com que se retirassem na melhor ordem.

Mas, feridos pela resistencia, mandáram uma mão a Portugal; e como o medo era o que reinava em Lisboa, de mistura com as inbrigas e as invejas, a côrte curvou-se momentaneamente numa profunda reverencia e enviou ordem immediata para Mello e Castro entregar sem demoras a ilha e a cidade.

Mello e Castro teimou ainda assim; quando a ordem chegou á India, nos principios de 1664, tinha elle enviado por terra a Portugal o padre Manuel Godinho e tinha a grande esperanza de ver chegar uma ordem em contrario.

Esperou, porém, de balde.

Todos os esforços que fez para evitar a entrega foram vão; a 14 de janeiro de 1665, já do ainda assim um anno, arrendeu-se em Paugini a ordem da entrega, e a 18 do mes se

guinta a Inglaterra tomou Jore de ilha e da cidade que era uma das chaves do commercio d'aqueles mares.

Passado pouco tempo, Jorem, o governador recebeu uma carta de Affonso VI, rogando a entrega da cidade aos ingleses e que tratasse de tudo como lhe parecesse.

As informações e conselhos de Mello e Castro fizeram alguma coisa em Lisboa; e no cōnte, pensando-se melhor no facto, viram que se tinha exorbitado e quizeram emendar o erro. Pera, Jorem, tarde. Só uma remissão é que remedearia o mal.

E isto mandava dizer o rei ao governador; mas o rei de Inglaterra queria muito. O príncipe Affonso VI diz «quer tão grandes quantias que cheguem a milhoes...» e Portugal não podia já com essas quantias.

Bombaim ficou, pois, sendo inglesa e até

(1) Carta a Mello e Castro, de 15 d'abril de 1665, transcrita em Vaix. d'Anagão: Descrição geral e historica das ruínas de, III, 246

hoje o tem rido. Fômos de uma yodizalidade es-
tendida; o medo fazia dar tudo quanto nos fe-
deseem.

É na cõte, o jovem rei — com maneirinha
cansado — victima das intrigas e vilanias
dos cortesãos e de quem mais o rodeava, ficou
em pouco tempo rei sem reino e — o que é
mais duro — marido sem mulher...

É de outras yora cá, quantas vezes, scenes
idênticas á entrega de Bombaim se não tem
dado!...

=====

(12 - II - 904)

Bibliographia: Thomaz Ribeiro: Jornadas, 2.ª par-
te, cap.º XXII e XXVI — Pinheiro Chagas: Historia de
Portugal, VI, cap. I — Oliv.º Martins: Historia de Por-
tugal — A. A. Teixeira de Vasconcellos: Les Contes de
raies, I, 2.ª parte, VI — Teixeira d'Alcãz: Descrição
geral e historica, II, 9 e III, 245 — Anticatastropha,
liv. I, cap.º VI, § III — J. L. Freire de Carvalho: Essay
historico-politico, 96.

31 de março de 1821 = A extinção do Santo
Officio.

« O motivo de tão respeitável
Tribunal ter humas innumeráveis
de de avessos he a todos muito bem
gostoso, por quanto jamais se vio
que um ladrão, hum facinoroso,
hum réo de nefandos crimes,
jamais foyo lugar da força lhe
fizesse elogios ... »

Ant.° Pimentel Soares: Desen-
gano ao povo, n.º 3, § 16 [1820]

Entre as muitas medidas que as cortes de
1820 tomáram e entre as resoluções acertadas
que tiveram, apparece, sem duvida, a extinção
do terrivel tribunal do Santo Officio que ha re-
ultos offusca o desgraçado juiz, fazendo-o en-
trar á sua intolerancia feroz e á sua desumida
crueldade.

Foi esta uma das medidas acolhidas mais entusiasticamente pelos liberais de 1820; e de certo, no meio daquelas cortes celebres em que havia muito boa vontade, muita sinceridade e cremos que alguma ingenuidade, e segundo Pinheiro Chagas « muita talento e muita inexperiencia »⁽¹⁾, jovens propositos deviam agradecer tanto para aquellos animos generosos como esta em que o deputado Margiottiedia para que se acabasse de vez com o terrivel tribunal que era, alem de tudo, uma vergonha para um paiz civilisado.

Discursos vehementes se ouviram tambem, os aradores tomaram a palavra e atacam com do meu piedade essa horrivel instituiçao que de ha poucos attestava o faustismo de um rei leito que a crasa e a decadencia abjecta d'um paiz que a intolerancia clerical ia reduzindo a nada, a jouco e jouco.

O povo ainda tremou de certo, ao ouvir

⁽¹⁾ Hist. de Portugal - VIII, 180.

aquelas palavras, receiando, quem sabe, o
maior êxito da revolta; mas na revolução de
vinte, se não houve muita base, houve posi-
tivamente muito boar vontade e esta boar vontade
de vencer nos primeiros tempos.

Os discursos dos revolucionários echoaram
no coração de todos e um frémito sincero cor-
reu de pul a morte, quando as portas dos tene-
rosos edificios se abriram para se mostrar a
todos, o que lá havia, naquelles terriveis aulos
e subterraneos mysteriosos.

Um dos oradores que mais altamente fa-
lou, foi sem duvida, Borges Carneiro; o seu
discurso altivo e entusiasta produziu profun-
da emoção: e' que estava na memoria de to-
dos os tormentos recentes, as prisões subitas,
as denuncias torpes, as difamações infames.

Bem recente estava na memoria de todos
as atrocidades que lá dentro se cometiam em
nome de Christo que nunca perdoou atro-
cidades; eram conhecidos de todos os negros
edificios por cuja porta se entrava para se

não mais pair. Por isso as suas glórias caladas, filhas de uma fé sincera de liberal e de justiça foram para todos os corações, uma consolação e um bem.

Terminou elle dizendo: — «afirmemos-nos, senhores, em lavar de tamanho tabéio, o nosso invicto Portugal!»⁽¹⁾ —

É de facto, as cortes acederam e a Inquisição foi abolida. A 31 de março de 1821 (no anno I, como então pretenciosamente se dizia) foi publicado o decreto.

Foi abolida o tribunal do Santo Officio em Portugal e seus domínios.

Em todas as cidades se patenteou ao publico os edificios em que elle funcionava. O povo entrava atterrado, ainda com medo e ia ver os instrumentos de tortura — a roda, a forca, o joelho, o cavalete e uma infinidade de causas para obrigar os condemnados a dizerem, em geral, mentiras...

⁽¹⁾ Ju. Anriago: Hist. do revol. de 1820 — III, 81

Em Coimbra, o povo, num justo movimento de indignação arrastou tudo para a rua, quebrando, derretendo o que encontrava; foi um dia de grande satisfação e de engraçada vingança. O povo torturava uns pedaços de madeira e ferro que antes da revolução lhe rasgava as carnes e o fazia pôr gemidos dolorosos; e no fim, para completar o novo auto de fé reunio tudo e lançou-lhe fogo!

O povo estava tão fraco e tão decaído que só assistiu ao vinganças; só reunia forças contra coisas como estas...

Em Lisboa, o povo também tumultuou em delirio de vinganças, arrastando o que encontrava lá dentro; a estatua de Fé foi arrancada também...

Foi um gaudío para os ofendidos; lá dentro troféjavam nos ossos das victimas, fixavam o sangue tálvez de parentes; por isso cá fora, ao ar livre, o delirio de vinganças foi grande, mas só chegou a fracos e caremichos nos meios...

Estava acabado de vez esse terrível tribunal que tão laboriosamente D. João III conseguira. Esse documento de fanatismo e do poder absoluto, acabou por fim vencido pela Ideia nova, que vinha agoreando desde que em Paris a Bastilha formidável foi arrasada pelo povo; vencida pela Ideia nova que vinha abrumando successivamente os espiritos de todos os reinos comprehensão justa do progresso e de liberdade; vencida pela Ideia nova que triumphou, que tem triumphado e que ha-de triumphar porque a justiça e liberdade não desapparecerão de certo, deste mundo.

== {22-III-904}

Bibliographia: José d'Almeida: Historia da revolução de 1820, III — P. Chagas: Historia de Portugal, VIII, cap. IX — O Comin. Lericense, 5160-5173 — N. M. Simões de Castro: Quis historico do rei João em Coimbra.

7 d'abril de 1533 = A bula de Jerdão.

« Declarava (Clemente VII) —
 aliás com bem pouca verdade —
 que procedia assim de recu-
 sados e egotística vontade,
 sem que nisto intervissem suf-
 ficientes dos christãos-novos, nem
 instancias de ninguém. »

A. Hesclano: História da origem
 e estabelecimento do Inquisição
 II, 7.

Sempre foi uma preocupação constante do fanatismo christão, o eterno odio a que se vol-
 tava a laboriosa e intelligente raça proscrita dos
 judeus. Filho de preconceitos para raras e do fa-
 natismo estúpido, esse odio foi subsistindo atrá-
 vez dos seculos motivando constantemente in-
 justas perseguições e innumeráveis vexames.

Em Portugal o odio e o desdém voltado á
 raça israelita, foi sempre como em toda a parte;

a sua riqueza, a sua inteligência, o seu saber, eram suficientes estímulos para a estultícia fanática do povo. Os padres animavam a sua índole de multos e sempre ficará como eterna vergonha para a nossa história, aquella celebre resistência em Lisboa, nos tempos de D. Manuel em que padres, de cruz alçada, instigavam o povo a uma crueldade sem nome.

Depois, com D. João III — fanático com a grande qualidade de ser sincero — viu-se a necessidade de ceder...

A Inquisição tinha de vir para Portugal: em Espanha dava os melhores resultados... e assim começaram as negociações com a Santa Sé.

Quem poubes o que foram estas negociações está habilitado a dizer que a sociedade portuguesa estava numa enorme corrupção, correndo a pressa a uma funda decadência e que na Santa Sé lavrava igual podridão.

Com as cousas assim, se fundou essa instituição tremenda que Borges Carneiro disse

tres seculos de mais nos « filha da ferocidade
e do calculo. »⁽¹⁾

Da parte do rei, o favoritismo era sincero,
diz-o Herculano⁽²⁾; mas a corrupção era tal que
a sinceridade dos fedidos do monarca algu-
raram-se no meio da ganancia de todos.

Em Roma, um meio evidentemente in-
teligente e culto, vio-no bem quanto odio nos
der uma causa assim: D. João III, por um lado,
com o seu zelo religioso dava tudo para que
viesse uma authorisação para se instalar o tri-
bunal; os judeus, por outro lado, com o inte-
resse a estimulal-os iam egualmente dando
quanto podiam para que essa authorisação
ficasse apenas num simples desejo.

E assim se negociou, assim se explorou
um rei e uma raça desgraçada, em nome
de Christo; assim se tiraram milharas e mi-

⁽¹⁾ Discurso na Camera, in Arriago: Hist.ª da
revolucao de 1820, III, 81

⁽²⁾ Historia da origem e estabelecimento do Ju-
risdicao em Portugal, ... , ...

thares de cruzados aos Jolres christãos - novos, que os largáram na esperança que o successor de S. Pedro não seria vulneravel ás fraquezas humanas...

As negociações foram longas e conflituadas; Herculano deu-nos um esplendido quadro dessa corrupção enorme e nelle se vê o que jóde a avaricia, a ganancia duma classe que não segue o caminho altamente pyrrulico que lhe é imposto pela sua lei, e que se deixa arrastar na corrente das baixezas e das vilanias.

Em Roma havia embaixadores do rei e dos christãos-novos; ambos negociavam os interesses dos seus e quem sabe se os seus proprios interesses!

O dinheiro corria a rodo; a India dava muito e os judeus eram tambem muito ricos: e no curia afagava-se a esperança de que as suas riquezas não se acabariam cedo...

E infelizmente assim foi: a 17 de dezembro de 1531, o papa Clemente VII, expediu uma

bullas pela qual a Inquisição ficava fundada em Portugal para se evitar que os christãos-novos voltassem aos seus antigos ritos, para castigar como cunheiras as bruxas, as feiticeiras, etc, etc.

Mas não era tudo: D. João III queria mais. A corte não estava satisfeita porque o poder da Inquisição era pequeno e receiava a influencia perigosa da riqueza dos judeus no commercio marítimo. Por isso as negociações continuaram.

Os judeus, contudo, levaram a melhor durante algum tempo contra esse rei que os queria exterminar de vez no seu odio rancoroso de christão estúpido. O celebre cardinal Santiquatro disse mesmo, vendo tanta insistência, « que parecia que se desejava a Inquisição para provelto proprio e adquirir as fazendas dos judeus.»⁽¹⁾

E o que é facto é que o mesmo papa publicou a bulla de 7 d'abril de 1533 — a bull

⁽¹⁾ Hist. de origem e estabelecimento, I, 227.

de Yerdão — em que se purgou o estabelecimento do Tribunal do Santo Officio em Portugal, mas em que declarava que «dadas certas circunstancias a anterior concessão se renovaria.»⁽¹⁾

Desceu a Hercules: «a espeda de Danno-
eles ficara yudente sobre a raça yoscrigta.»⁽²⁾

Os judeus talvez se julgassem salvos, mas a corte não podia tolerar tal coisa; as instancias renovaram-se e o dinheiro correu com mais força.

A curia fazia uma politica esdrá; e quando vio que era a occasião, concedeu eubão de rey, o almejado tribunal que ia nocian o famosissimo bronco do mesarioha gartuey, em bulha de 23 de maio de 1536.

Estava satisfeito o rei D. João III: a raça d'Israel tinha de se curvar perante a esbuljada

⁽¹⁾ Hist.^o da origem etc, II, 4

⁽²⁾ Ibidem, II, 4

Bibliographia: N. Hercules: Hist.^o da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.

intolerancia clerical. As suas fortunas color-
paes iam enfim, paciar a estúrgides dos con-
rultos; as vingancas iam exercer-se ineligi-
navelmente; e em breve, por todo o paiz, se ia
estender um nuanto de tristezza e de luto, il-
luminado escassamente, de quando a quan-
do, pelas fogueiras dum ou outro auto-de-
fé.

==

{31 - III - 204}

XXV

17 de março de 1909 = Assassinato do
general Bernardim Freire.

«... dilacerado nas garras da
gentilha Java quem ha-de cair
a aurora da civilização, quando
se descobrirem artes de polgar
tigres fora do jaulo...»

Camillo: O Demônio do
ouro, II, cap. IX.

Depois da convenção de Cintra Jela qual os
ingleses enviaram Java França, com todas as
honras dum vencedor, o vencido general Ju-
not (agosto - 1808) Portugal ficou por algum
tempo livre de franceses.

As Joleias consentirem que descausassemos
um Jauco, mas Jauco, Jereque o seu objetivo
era domar a Península e expulsar de cá as
forças britânicas.

Como fôra mal sucedido na primeira tentativa, pois que á segunda vez não houve as dificuldades e nesse sentido mandou as suas instruções nos princípios de 1809 a Berthier que era o chefe do Estado-maior na Península.

Errata, ad
fin. —

Sault, na Galizia, em virtude dessas instruções, devia com o seu corpo d'exercito de 24:000 homens entrar em Portugal pela Galizia e acantonar-se do Porto nos primeiros dias de fevereiro e no meado do mez (a 16) devia entrar em Lisboa.

Napoleão chegou a marcar os dias! Os seus marchas, Jorem, e que foram de pouca gentralidade...

Mas Sault dirige-se do Ferrol onde estava, e tenta atravessar o rio Minho em 15 de fevereiro — e nós estávamos novamente a braços com uma outra invasão.

Portugal estava exaustão; Junot tinha tido do o melhor do nosso exercito; a nossa força moral, abatida; e dinheiro... não havia!

Diz o general austriaco Montecuculli:
 « são essenciaes tres cousas para fazer a guerra: dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. »⁽¹⁾ E era exactamente o que nós não tínhamos.

Contudo jousou-se em organizar resistencia e para isso foi mandado o general Bernardim Freire d'Andrade — muito considerado pelas suas altas qualidades — cubrir com as forças de que dispunha, a cidade do Porto pelo norte, nas fronteiras do Minho e Trás os Montes.

Bernardim Freire era homem d'acção; quando Junot dissolveu o exercito e organizou a celebre Legião, retirou-se do serviço e só voltou ao seu posto quando Wellington veio com forças inglezas auxiliar o movimento insurreccional que depois engulsou aquelle general. Tomou o commando d'uma divisão e a sua conducta foi sempre digna e honrosa.

Por isso agora que Portugal corria um

⁽¹⁾ Jm A. P. Taveira: Campainha do marechal

um Jozigo enorme, foi Bernardino Freire o escolhido para organizar a defesa.

E nada mais espinhoso Jodiam dar ao patriota e Juedomorroo general.

Al Jovincia estava num amombroso estado de desorganização; o Jovo barrava; as milicias estavam indisciplinadas; e os Jadres faustisavam de tal modo as massas Jofulí-
res que estas, num exaltação enorme, no-
viavam traidores em toda a Jarte.

Diz Pinheiro Chagas: « faustisado Jolo re-
" cendotes, o Jovo tumultuava por toda a Jarte
" e não attendia nem ás excitações paugui-
" narias de Jadres indignos do seu ministé-
" rio. »⁽¹⁾

Contudo, o general não desanimou; e com as forças de que dispunha, Joz em estado de de-
fesa a margem esquerda do rio Minho e de tal modo que Sault não o Jande atravessar co-

Sault em Portugal - 22

⁽¹⁾ História de Portugal, VII, 587 (cap. XXIX)

mo queria e zerdeu no tentativa alguma gente, e assim teve de ir tentar a invasão pela fronteira de Traz-os-Montes.

Realmente, passando por Orense, dirigio-se a Chaves.

Aqui, havia o mesmo desordem; e tanto que o general Silveira, seu commandante, retirou-se e a graça entregou-se sem condições, deixando prisioneiros 3.700 homens que ha pouco atacavam de facto o seu general!

Bernardino Freire, vendo a retirada de Silveira para Villa-Pauca-d'Aguiar, foi guarnecer os desfiladeiros de Ruivães e Salazar, de fora — pelo menos — ganhar tempo sobre o invasor. Mas o seu fanatismo e cheio de um falso patriotismo e que não queria a defensiva; os generaes que prudentemente iam retirando, para conseguir vantagens com essa retirada, eram traidores, jaculinos, o diabo!

Coutinho Freire ainda tentou o que podia quando Sault, atravessando sem difficulda-

des os desfiladeiros mal defendidos, se dirigio para Braga. Tentou a defesa da linha de montes que ha a nascente desta cidade, mas com o estado da yolluções vio que nada fazia e preparou a retirada para o Porto.

Ho saber isto, o Jovo vio claramente a traicão do general: Bernardino Freire era um vendido...

Braga amotinou-se então; queria ir ao encontro dos francezes: a anarchia era completa.

E na estrada do Porto, o general foi encontrado pelos ordenanças de Tobosa que o prenderam e o levaram á cidade onde então se deu uma perfeita scena de selvageria. ⁽¹⁾

O barão d'Ebber, official allemão, ainda tentou salvar o illustre militar, mas o Jovo não deu ouvidos a cousa alguma e na sua furia, fez passar pelos maiores insultos aquelle que se sacrificára para o salvar.

⁽¹⁾ Ver o romance de Almeida Garrett "O sargento

Conte o mesmo barão que o povo rodeau
do o general berrava furiosamente:

— Matá-o! matá-o! ⁽¹⁾

Não era uma revolta, era uma tirada!

E com chuzos e com tiros, arrastando o
corço pelas ruas, mataram um homem que
a nossa história pôde aguentar com ufania.

x

Depois, uma "ordem do dia" do fim desse
ano, declarava a conducta do general uma
preheursivel, e sua fidelidade superior a to-
da a povo, e sua honra pura e illibada, e
que o seu nome devia ser conservado em res-
peito. ⁽²⁾

« Eis ali — commenta o credito e distin-
to official do Estado-maior, N. P. Taveira — e

to-mán de Villar em que as novas vergonhas
deste periodo estão descritas com uma certa cor
dramatica, e com rigor historico — dando um
quadro evocante dos acontecimentos.

⁽¹⁾ Em Taveira: obr. cit. 2, 62

⁽²⁾ Seu transcripto no mesmo obra de Taveira,
doc. ^{to} XIX.

"

" sorte que esgane todos os generaes, os seus esta-

" do-maiores e outras autoridades, se um dia

" Portugal se vir em circumstancias analogas

" pela incuria dos governos.

"

" Euzer dizer: todos os esforços para defender

" o terrao da patria contra invasoes, se durante

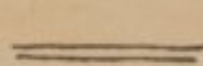
" os longos ocios da paz nao se fôr cuidando

" periodicamente de organizar o seu exercito, ar-

" mada e fortificacoes, como fazem todas as na-

" coes previdentes que preparam a sua autono-

" mia. »⁽¹⁾



{5-III-904}

⁽¹⁾ Tavares: obs. cit.², 63

Bibliographia: N. P. Tavares: et Campaignas do mar
rechal Soult em Portugal — P. Chagas: Historia
do Portugal, VII, cap. XXIX — Tirrel: Historia
re abregée des guerres de la revolution, 549 — G.
millo: O Demennio do ouro, II, cap. IX.

= Appendice =

I

= Índice A =

- Affonso V (D.) — VIII
 " (D.) conde de Barcellos — II
 Alcacén - Kibir — I
 Alcantara [batêta da Ponte d'], 1580 — XVII
 Aliança - inglesa — XXII
 Almeida (João Fernandes) — V
 Andrade (Bernardim Freire) — XXV
 Beresford — IX
 Bombaim (Entrega de) — XXII
 Bragança (A casa de) — II
 Bula de Zerdão, 1533 — XXIV
 Cabral (Costa) — XIX
 Castro (Ant.º de Mello e) — XXII
 Christo (A endem de) — X
 Crato. (D. Ant.º, prior do) — XVII
 Diniz (D.) — X
 Estevam (José) — XIX
 Fernando (D.), 2º duque de Bragança — II
 " " , 3º " " " — II
 Fidelissimo (O título de) — XV
 Greve academica de 1907 — XIV
 Inquirições em Portugal — XXIII, XXIV.

- Invasão francesa (2ª) — XII, XXV.
 Jayme (d.), 4º duque de Bragança — II
 João I (d.) — V
 " II (d.) — XIII
 " III (d.) — XXIV
 " IV (d.) — II, VII
 " " " (Crocção de) — VII
 " V (d.) — XV
 " VI (d.) — XX
 Junot — IV
 " (Entrada de) em Lisboa — IV
 Lemos (d. Franc.º de) — XIV
 Luis I (d.) — XXI
 Magul, combate — XVIII
 Malaca (cerco de) — III
 Miguel (d.) — VI, XI, XX
 Moniz (Bernardim Ant.º) — XVI
 Nun'alvares (ordem de) — III
 Paes (Alvaro) — V
 Pomal (Marques de) — XIV
 Restauração de 1640 — VII
 Revolta de 1383 — V
 Saldanha — XXI
 Sebastião (d.) — I
 Smoleusko — XVI
 Soult — XII
 Teruglo (ordem de) — X
 Tordesillas (Tratado de) — XIII
 Vaino (Batalha de) — VIII

- Torres Novas (Revoltã de) ann 1844 - XIX
 - Universidade - XIV
 - Vasconcelos (Aut.^o Cesar de) - XIX.
 - Veiga (Tristão Vaz de Veiga) - III
 - Villa-francada - XX.
-

II

= Judece B. =

1399	
A Orden de Christo	<u>XIII</u>
1383	
O "alvoroco" de 1383	<u>V</u>
1401	
A Casa de Bragança	<u>II</u>
1476	
Paço	<u>VIII</u>
1494	
A divisão do mundo (Tordesillas)	<u>XIII</u>
1533	
A "bula de yndas"	<u>XXIV</u>
1573	
Uma façanha d'outras eras	<u>III</u>
1578	
Alcaceñ Kibir	<u>I</u>
1580	
A Junta d'Alcantara	<u>XVII</u>
1640	
Coroaçaõ de D. João <u>IV</u>	<u>VII</u>
1662	
Embargo de Bombaim	<u>XXII</u>

	247
1749	
O título de "fidelíssimo"	<u>XV</u>
1772	
O marquez de Pombal e a Universidade	<u>XIV</u>
1807	
Entrada de Junot em Lisboa	<u>IV</u>
1809	
Bonaparte e nomeado comandante em chefe	<u>IX</u>
Assassinato do general Bernardino Freire	<u>XXV</u>
Entrada do marechal Soult no Porto	<u>XII</u>
1812	
Smoleusko	<u>XVI</u>
1821	
A extinção do Santo Officio.	<u>XXIII</u>
1823	
A canção da Joazeira	<u>XX</u>
1828	
O "Rei chegou"	<u>VI</u>
Uma dissolução de cortês	<u>XI</u>
1844	
A revolta de Torres Novas	<u>XIX</u>
1870	
A "revolta da meia noite"	<u>XXI</u>
1895	
Magul	<u>XVIII</u>

III

= Judece C =

Fevereiro:4 = 1844 = Revolta de Torres Novas XIX22 = 1828 = O "Rei chegou!" VIMarço:1 = 1476 = Váro VIII7 = 1809 = Beresford é nomeado com.^{te} etc IX13 = 1828 = Uma dissolução de cortes XI14 = 1519 = Fundação do orden de Christo X17 = 1809 = Assassinato do general B. Freire XXV29 = " = Entrada de Soult no Porto XII31 = 1821 = Extinção do Santo Officio XXIIIAbril:7 = 1533 = A bulla de Jendás XXIV9 = 1662 = Entrega de Bombaim XXII21 = 1749 = O título de "fidelissimos" XVMaió:19 = 1870 = A revolta da meia-noite XXIJunho:2 = 1823 = D villos-francada XX7 = 1494 = D divisões do mundo XIIIAgosto:4 = 1578 = Hlescañ - Kibir I

18 = 1812 = Smeleusko	<u>XVI</u>
25 = 1580 = O youte d'Alcantara	<u>XVII</u>
<u>Setembro:</u>	
8 = 1875 = Magul	<u>XVIII</u>
22 = 1772 = O marquez de Pombal e a Universidade	<u>XIV</u>
<u>Novembro</u>	
8 = 1401 = O caso de Braganca	<u>II</u>
16 = 1573 = Livro feitura d'outras ras	<u>III</u>
30 = 1807 = Entrada de Junot em Lisboa	<u>IV</u>
<u>Dezembro</u>	
6 = 1383 = O alvaroz de 1383	<u>V</u>
15 = 1640 = Deliberação de D. João <u>IV</u>	<u>VII</u>

IV

= Judece D. =

- I = o Journal Torrejano, n.º ...
 II = " " da Louzã, n.º 150
 III = " " " " , n.º 151
 IV = " " Torrejano, n.º 1103
 V = " " " " , n.º 1104
 VI = não foi publicado.
 VII = o Journal Torrejano, n.º 1105
 VIII = " " " " , n.º 1116
 IX = " " " " , n.º 1117
 X = " " " " , n.º 1118
 XI = " " da Louzã, n.º 166
 XII = " " Torrejano, n.º 1120
 XIII = " " " " , n.º 1132
 XIV = " " " " , n.º ..
 XV = " " " " , n.º ..
 XVI = " " " " , n.º ..
 XVII = " " " " , n.º ..
 XVIII = " " " " , n.º ..
 XIX = " " " " , n.º ..
 XX = " " " " , n.º ..
 XXI = " " " " , n.º ..
 XXII = " " " " , n.º ..

XXIII = No Journal Barrejas, n°...
XXIV " " " " " n°...
XXV " " " " " n°...

Erratas:

Al pag. 23 — onde se lê: ... causa diz o citão do chro-
nista... — ler: ... causa diz o falecido Emilianus
de Batencourt...

Al pag. 234 — onde se lê: Soult, no Dalmezia... —
ler: Soult, duque de Dalmezia...

Indice:

I	Alcaçar Kibir	1
II	O caso de Bragança	9
III	Uma façanha d'outras eras	20
IV	Entrada de Junot em Lisboa	29
V	O "alvoroco" de 1383	40
VI	O "Rei chegou!"	51
VII	Cerco de D. João VI	60
VIII	Toro	70
IX	Beresford e os muros do commandante em chefe do exercito	82
X	O orden de Christo	93
XI	Uma dissolução de cortes	104
XII	Entrada do marechal Soult no Porto	117
XIII	A divisão do mundo (Gardasilas)	120
XIV	O marquez de Pombal e a Universidade	142
XV	O titulo de "fidelissimus"	157
XVI	Combate de Smolensko	165
XVII	O Jonte d'Alcantara	173
XVIII	Maguel	180
XIX	A revolta de Torres Novas	187
XX	A campanha de Joeire	195
XXI	A "revolta do meio-noite"	204
XXII	A entrada de Bombaim	212
XXIII	A extinção do Santo Officio	220
XXIV	O leule de Jerdão	226
XXV	Associação do general Bernardino Freire	233

Agenda
Index A
" B
" C
" D

241
243
246
248
250

Este volume foi escrito desde 6 de março de 1866
até 20 de junho de 1866, na cidade de Coimbra, e
na casa n.º 7 da rua de Thomar, até ao caf.º XIV e
do caf.º XV por deante no casa "Jantiguero" de rua
Francisco Rodrigues, bairro de Santa Cruz. =
Coimbra, 4 de julho de 1866 = Belizario Pi-
nenta, F. =



کتابخانه
مکتبہ اسلامیہ
لاہور

